

Esquerda negocia cinco anos

Tadeu Afonso

Os cinco anos de mandato para o presidente Sarney podem ser até um "preço razoável" para que a esquerda do PMDB consiga um acordo com o centro do partido para a aprovação de uma "Constituição moderna e avançada". A afirmação foi feita pelo coordenador da bancada do PMDB paulista, deputado Roberto Rollemberg, pouco depois que o presidente nacional do partido, deputado Ulysses Guimarães, chamou a seu gabinete o vice-líder do PMDB na Constituinte, deputado Antônio Perosa, para lhe pedir que acertasse um encontro, na segunda-feira, com o líder do partido, senador Mário Covas. Ulysses disse a Perosa que deseja discutir com Covas os pontos mínimos programáticos em torno dos quais o PMDB não poderá transigir na Constituinte.

Rollemberg, que participou da reunião promovida por Ulysses, anteontem, em sua residência oficial, na qual convenceu os coordenadores de bancada do partido a defender os cinco anos, negou que pertença ao Centro Democrático. Segundo ele, a reunião ficou polarizada entre as posições dos deputados Maurílio Ferreira Lima (PE), que quer quatro anos de mandato, e do deputado Expedito Machado (CE), que exige cinco anos. "Fico com os cinco anos", disse Rollemberg, "mas também não abro mão de avanços políticos e institucionais na Constituição, como o restabelecimento do monopólio do refino do petróleo e de uma reforma agrária real".

Rollemberg disse que existem hoje dois centros dentro do PMDB. "Há o Centro Democrático, que aglutina a direita, e o centro propriamente dito, cerca de cem deputados que devem ser ganhos para as transformações na Constituição".

Bom preço — Para ele, o fundamental, agora, não é discutir o mandato de Sarney, embora reconheça que os cinco anos possam ser um "preço razoável" para a obtenção de avanços na nova Constituição. Rollemberg afirmou que muitos pemedebistas que defendem os cinco anos não participam e nem concordam com as posições do Centro Democrático. O deputado disse que vai começar a se reunir na próxima semana com constituintes de centro ou de centro-esquerda, como os deputados Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), José Serra (PMDB-SP), Artur



Rollemberg: avanços

da Távola (PMDB-RJ) e Doreto Campanari (PMDB-SP).

Perosa, ao deixar o gabinete de Ulysses, disse que o presidente da Constituinte estava preocupado em definir pontos programáticos do partido dos quais os pemedebistas não poderão abrir mão. Segundo Perosa, Ulysses citou, entre eles, a reforma agrária, a concessão de emissoras de rádio e televisão pelo Congresso e o controle da dívida externa pelo Legislativo. Ulysses disse a Perosa que a reunião com Covas deverá servir também para definir a estratégia que o partido seguirá na Constituinte.

Os covistas estavam ontem perplexos com a atitude de Ulysses. Segundo eles, ao reunir os coordenadores de bancada em sua casa, o deputado conseguiu retomar o controle do partido e fazer com que todas as negociações em torno da Constituinte passem por ele, emparedando o senador Mário Covas como líder apenas do grupo de esquerda do PMDB.

Segundo os covistas havia dois caminhos a serem seguidos: o do confronto direto com o grupo que defende os cinco anos e o da definição dos pontos básicos dos quais o partido não abrirá mão na nova Constituição.

Esse segundo caminho tinha seus maiores defensores ontem nos deputados Antônio Perosa e Miro Teixeira. Para Perosa, o partido deve definir esses pontos básicos com urgência como forma de ganhar o apoio e os votos do centro indefinido do PMDB e forçar o Centro Democrático a revelar suas reais intenções



Perosa: sem platéia

quanto a querer ou não uma Constituição democrática.

"Cair na real" — Perosa criticou também a irredutibilidade do relator da Subcomissão da Reforma Agrária, Oswaldo Lima Filho, que insistiu em delimitar em 100 módulos o tamanho máximo da propriedade rural, atraindo a ira dos conservadores. Segundo Perosa, o que Lima Filho deveria ter feito era insistir na caracterização da função social da propriedade. Para o vice-líder, o que importa não é o tamanho, mas a justa exploração racional da terra e o respeito aos direitos dos que nela trabalham: "Temos que parar de jogar para a platéia e cair na real".

Se a esquerda do partido optar pela negociação, vai ter um longo trabalho de convencimento dos seus próprios integrantes. Ontem de manhã, o deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE) disse estar disposto ao confronto. Segundo ele, existem hoje dois PMDBs: "Um, articulado fisiologicamente com o Planalto, e o outro, o PMDB histórico, que está partindo para as ruas na luta pelas diretas em 88".

O senador José Richa (PMDB-PR) disse Ulysses Guimarães deverá explicar agora a Mário Covas por que convocou a reunião dos coordenadores das bancadas. Richa é o maior aliado de Covas dentro do PMDB. Segundo o senador, se Ulysses quis definir a estratégia do partido dentro da Constituinte, atropelou a competência do líder Mário Covas: "O doutor Ulysses deve zelar pelo cumprimento do programa partidário, mas quem define a estratégia em plenário e nas votações é o líder.